



79º Aniversário da Força Naval do Nordeste

C Alte (RM1) Guilherme Mattos de Abreu

Alocução realizada durante cerimônia alusiva ao 79º Aniversário de Criação da Força Naval do Nordeste (FNNE), na Base Naval do Rio de Janeiro, em 07OUT2021.

Há alguns dias, imagino o que seria importante destacar nesta data, após ter comparecido a várias destas cerimônias, em que formava junto aos senhores que estão de branco, bem como tinha a oportunidade de rever estimados oficiais que haviam deixado a ativa – almirantes e comandantes –, que, em algum momento, fizeram parte de minha história.

Olhando pelo retrovisor, vejo que a minha vida na Marinha começou sob o comando de um daqueles jovens tenentes formados durante a guerra – o então Capitão de Mar e Guerra José Calvente Aranda, Diretor do Colégio Naval; seguiram-se os Almirantes Rubem Mattos, Diócles

e Bonoso, Diretores da Escola Naval. E, nos meus primeiros anos como oficial, veria os veteranos daquele conflito conduzindo os destinos da Marinha, sendo que um deles está aqui presente – o estimado Almirante Karam.

A minha geração seria aquinhoadada com uma Marinha reorganizada administrativamente e logisticamente, com novos meios e seria alçada a níveis operativos invejáveis, graças a eles. Como exemplo, cito que nós testemunhamos todo este Complexo Naval de Mocanguê tornar-se realidade.

A Força Naval do Nordeste, desde que foi criada em 1942, percorreu uma trajetória nobre e desafiadora, considerando que nascera de uma Esquadra desatualizada, composta, basicamente, pelos navios chegados em 1910, a qual, no dizer do Ministro da Marinha, Almirante Protógenes, em relatório de 1932, agonizava pela idade e estava completamente desaparelhada e desadestrada, por não se fazer ao mar. O Ministro clamava pelo renascimento do Poder Naval, o que de fato seria tentado, com a ativação de programa estabelecido em 1932, e modificado em 1936, em decorrência do qual seriam adqui-

ridos três submarinos na Itália, o Navio-Escola *Almirante Saldanha*, na Inglaterra, seriam construídos no Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro (AMRJ) os três contratorpedeiros classe *M* (que ficariam prontos durante a guerra), entre outros.

Era uma retomada difícil, considerando a limitada capacitação industrial e científico-tecnológica do Brasil e as restrições econômicas pelas quais passava o País, ainda como consequência da crise de 1929.

Foi neste cenário – com uma Marinha desatualizada e desprovida de meios – que a 2ª Guerra Mundial chegou ao Brasil.

A principal ameaça no contexto da Batalha do Atlântico era representada pelos submarinos alemães e italianos. No entanto, a Esquadra não possuía equipamentos de detecção e armamento para localizar e destruir submarinos, bem como não conhecia os novos procedimentos de combate antissubmarino, baseados no emprego do sonar.

Contudo, cabe ressaltar que o sonar era uma inovação tecnológica na época. Nem mesmo a Marinha dos Estados Unidos, em dezembro de 1941, estava preparada para combater submarinos. Foram instrutores da Royal Navy que deram instrução de tática antissubmarino aos norte-americanos, na principal base de treinamento da US Navy, em Key West, Flórida. Onde também seriam preparadas as tripulações brasileiras, mais tarde.

É fato conhecido que o afundamento de vários de nossos navios mercantes nos levou à guerra. Essas perdas causaram forte comoção nacional, reverberada pelas manchetes dos jornais e por manifestações de rua nas maiores capitais, todas clamando pela guerra. Nas diversas narrativas a respeito, não se costuma abordar que os nossos marinheiros, circulando fardados pela capital federal, eram assediados pela população, sob a alegação de que deveriam estar no mar, protegendo os seus compatriotas, como conta João Palma Neto, ao compartilhar em livro a sua experiência como marinheiro do Caça-Submarino *Gurupá*.

Trata-se de evidente ignorância das circunstâncias em que se processa a guerra naval, mas que nos faz lembrar que os militares são cobrados nas horas críticas em que a nação se vê ameaçada, independentemente das circunstâncias que levaram ao despreparo e à baixa prontidão.

Com o afundamento de vários navios mercantes, a primeira ação foi a organização dos comboios nos portos nacionais, prática já comum no Atlântico Norte. Os comboios que partiam e chegavam aos portos brasileiros eram escoltados por navios da Marinha do Brasil e da Marinha norte-americana.

O emprego do sistema de comboios e a patrulha antissubmarino, empreendida pelas forças aeronavais aliadas,



Cerimônia alusiva ao 79º Aniversário de Criação da Força Naval

levariam a uma drástica diminuição nas perdas de navios mercantes brasileiros em 1943, sendo que a maioria daqueles vitimados por submarinos navegava isolado, fora dos comboios.

Foi a instituição da Lei de Empréstimos e Arrendamentos, em março de 1941, que viabilizaria a modernização dos meios navais, com fornecimento de material pelos Estados Unidos, sem a necessidade de pagamentos imediatos. Tal dispositivo possibilitou o recebimento de equipamentos atualizados pelas Forças Armadas brasileiras.

Os desafios foram grandes. Os novos meios demandavam intenso adestramento e estrutura de manutenção. Além disso, alguns dos navios antigos receberam sonares, calhas para o lançamento de bombas de profundidade e armas secundárias, como os lançadores de bombas-foguete. Para além das modificações específicas para a guerra antissubmarino, os canhões e metralhadoras dos navios foram incrementados, não somente para se contrapor à pouco provável ameaça aérea ou de superfície, mas, principalmente, para fustigar submarinos quando encontrados navegando na superfície.

Além disso, uma quantidade expressiva de militares foi enviada para os programas emergenciais de instrução criados na *US Navy*, para serem adestrados nas táticas antissubmarino e no uso e manutenção dos novos navios, equipamentos e armas. Esses homens, ainda durante a guerra, implementaram na Marinha os cursos que realizaram, dando continuidade ao adestramento de Controle de Avarias e de Guerra Antissubmarino.

Uma dessas realizações encontra-se próxima: o Centro de Adestramento Almirante Marques de Leão (CAAML),



do Nordeste (FNNE)

que tem as suas raízes no Centro de Instrução de Guerra Antissubmarino (CIGAS, depois CITAS), criado em 1943.

A criação da Força Naval do Nordeste, em 5 de outubro de 1942, foi parte de um rápido e intenso processo de reorganização das forças navais para adequar-se à situação de conflito. Sob o comando de um veterano da Divisão Naval em Operações de Guerra (DNOG), o então Capitão de Mar e Guerra Alfredo Carlos Soares Dutra, a recém-criada Força foi inicialmente composta pelos: Cruzadores *Bahia* e *Rio Grande do Sul*, quatro navios mineiros (posteriormente reclassificados como corvetas) e dois caça-submarinos. Mais adiante, seria acrescida do Tênder *Belmonte*, caça-submarinos, contratorpedeiros de escolta, contratorpedeiros classe *M* e submarinos classe *T*, constituindo a Força-Tarefa 46 do Comando do Atlântico Sul, subordinada ao Comando da 4ª Esquadra da Marinha norte-americana. Não se descurou do esforço de manutenção e apoio logístico em relação ao qual se destacaria outro veterano da DNOG, o Contra-Almirante Ary Parreiras.

Além de patrulhar o Atlântico Sul e proteger os comboios, uma das missões mais importantes da Força Naval do Nordeste foi a de escoltar os navios que transportaram para os campos europeus a Força Expedicionária Brasileira (FEB), até Gibraltar, onde foram rendidos por outros navios que atuavam no Mar Mediterrâneo.

Destaca-se, contudo, que o ganho operacional e material proveniente da participação na 2ª Guerra Mundial parece apequenar-se, quando lembramos que aqueles anos de conflito custaram muitas vidas. Foram perdidos 31 navios mercantes brasileiros; pereceram 982 pessoas, entre passageiros e tripulantes. Além disso, três navios

de guerra foram a pique, com mais 471 vítimas fatais. A estas contas, acrescenta-se 22 óbitos decorrentes de ataques ou de acidentes.

A Força Naval do Nordeste concluiu a sua missão em 7 de novembro de 1945, quando regressou ao Rio de Janeiro em seu último cruzeiro. A sua árdua e intensa vida operativa contribuiu para a livre circulação nas linhas de navegação do Atlântico Sul e, certamente, contribuiu para o esforço de guerra aliado. Alguns dados balizam o seu esforço para manter as linhas de navegação abertas.

Os registros chamam a atenção ao serem confrontados com o número limitado de navios de escolta: 3.164 navios comboiados, sendo 1.577 nacionais, em 575 comboios. 99% dos navios protegidos alcançaram os seus destinos. Um feito que impressiona. Mesmo assim, principalmente pelos afundamentos anteriores à declaração de guerra, 21% da Marinha Mercante brasileira foi perdida por torpedeamentos.

A Marinha adquiriu maior capacidade para controlar áreas marítimas, ganhou experiência de combate, assimilou novas técnicas, incorporou meios modernos e conscientizou-se da importância da logística para a manutenção de uma força combatente. Mas o maior ganho penso ser intangível: ocorreu uma mudança de mentalidade. Entretanto, seria exagero generalizar tais ganhos para toda a Força, no curto prazo.

Boa parte da Marinha continuou na rotina, apegada aos mesmos hábitos e procederes – era a “Marinha do Mingau”, como denominavam na Força Naval do Nordeste, visto que este item tradicional não constava do cardápio dos pequenos caça-submarinos. O Almirante Hélio Leôncio Martins costumava chamar nossa atenção de que os oficiais que efetivamente atuaram na guerra eram majoritariamente jovens – poucos eram oficiais superiores. Assim, os efeitos desta mudança de mentalidade foram granjeando eficácia, na medida em que essa “jovem guarda” ganhava antiguidade e autoridade.

Como citei, a minha geração foi aquinhoada com uma Marinha reorganizada e em níveis operativos invejáveis. Os Almirantes que conduziram essas importantes transformações, a partir dos anos sessenta, eram aqueles jovens oficiais que, como tenentes, capitães-tenentes e capitães de corveta, tiveram um duro aprendizado na guerra.

Mares tempestuosos fazem bons marinheiros! Tempos difíceis forjam grandes líderes!

A nossa reverência e reconhecimento aos integrantes da Força Naval do Nordeste pelos esforços e sacrifícios realizados e, principalmente, pelo legado que deixaram para a nossa Marinha. ■